

Desinformação no contexto da pandemia do Coronavírus (COVID-19)

Misinformation in the context of Coronavirus pandemic (COVID-19)

David Nemer¹

¹ University of Virginia, Charlottesville, Virginia, United States. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8423-3917>

Autor para correspondência/Mail to: David Nemer, nemer@virginia.edu



David Nemer é professor e pesquisador no Departamento de Estudos de Mídia na Universidade da Virgínia, EUA, é especialista em Antropologia da Tecnologia e atualmente pesquisa relação entre sociedade e desinformação na Internet. Ele é autor dos livros Favela Digital e Tecnologia do Oprimido.



Copyright © 2020 Nemer. Todo o conteúdo da Revista (incluindo-se instruções, política editorial e modelos) está sob uma licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilhável 3.0 Não Adaptada. Ao serem publicados por esta Revista, os artigos são de livre uso em ambientes educacionais, de pesquisa e não comerciais, com atribuição de autoria obrigatória. Mais informações em <http://revistas.ufpr.br/atoz/about/submissions#copyrightNotice>.

Resumo

O professor Dr. David Nemer responde questões sobre o conceito de desinformação, os elementos que contribuem para a disseminação da desinformação e o seu impacto no contexto da pandemia do Coronavírus.

Palavras-chave: Desinformação; Sociedade da Informação; Pandemia; Covid-19; Coronavírus.

Abstract

David Nemer answers questions about the concept of misinformation, the elements that contributes to the dissemination of misinformation and its impact on the context of Coronavirus pandemic.

Keywords: Misinformation; Information Society; Pandemic; COVID-19; Coronavirus.

1. O que é desinformação? *Fake News* e desinformação representam o mesmo conceito?

De uma forma bem objetiva, podemos definir a desinformação como uma informação falsa cuja intenção é enganar. A desinformação é deliberadamente criada e espalhada como verdade para influenciar a opinião pública, obscurecer a verdade, e/ou obter alguma reação que sirva ao propósito do desinformador. A desinformação é muitas vezes confundida com *Fake News*, porém *Fakes News* é um termo guarda-chuva que cobre uma gama de conceitos pertencentes a categoria de falsidades ou mentiras, incluindo a própria desinformação. A *Fake News* nem sempre tem a intenção de enganar, por exemplo, pode ser uma informação falsa ou imprecisa que foi criada ou disseminada por engano ou inadvertidamente. A *Fake News* pode ser também uma informação verdadeira que quando usada fora do contexto pode desinformar. Muitas vezes, *Fake News* é materializada em forma de propaganda intencionalmente projetada para enganar o leitor, ou pode ser concebida como *clickbait* cujo objetivo é a geração de receita de publicidade on-line já que a plataforma lucra com o número de pessoas que clicam na história, atraídas pelas manchetes sensacionalistas. *Fake News* também é comumente produzida em forma de sátira ou paródia, e conexões e correlações falsas. Nos últimos anos, o entendimento de *Fake News* ficou muito atrelado às redes sociais já que desde 2016 essas redes vêm sendo utilizadas para influenciar politicamente as pessoas por meio de notícias falsas. Porém a *Fake News* não é um fenômeno exclusivo de plataformas virtuais.

2. Qual o impacto da disseminação de desinformação em um momento de pandemia como a do Coronavírus?

Devido à percepção ilusória de que a *Fake News* é um fenômeno exclusivo do mundo on-line, muitos acreditam que ela não traga consequências para o mundo off-line — o que na verdade é uma *Fake News*. Por exemplo, em junho de 2018, rumores circularam em grupos de WhatsApp na Índia alertando sobre sequestradores perambulando pela cidade de Rainpada e se infiltrando em vilas para sequestrar crianças. Uma versão sombria do boato dizia que eles tinham o objetivo de retirar os órgãos das crianças para serem vendidos. Uma semana depois, no dia 1º de julho, cinco homens que tinham ido à cidade para visitar o mercado de domingo foram espancados até a morte com socos, chutes, varas e até móveis por uma multidão enfurecida e desinformada que acreditava que os homens faziam parte do tal grupo de sequestradores.

O ocorrido em Rainpada na Índia pode parecer um caso extremo de como a desinformação leva à consequência mais cruel, que é a morte. Infelizmente, a desinformação também pode colocar a vida de muitos em risco em situações que aparecem ser mais sutis, principalmente em tempos de pandemia, como a do coronavírus.

No artigo “Podem as notícias falsas realmente mudar o comportamento? Evidência de um estudo de desinformação do COVID-19” (Greene e Murphy, “Can fake news really change behaviour? Evidence from a study of COVID-19

misinformation", 2020) (ainda não revisado por pares) as autoras relatam que, em alguns casos, a exposição à informações falsas sobre a pandemia pode mudar as ações das pessoas, consequentemente as colocando em perigo. As autoras também relataram que as *Fake News* tiveram um efeito pequeno nas pessoas, já que as notícias falsas que os participantes consumiram eram similares às que circulavam nas redes sociais, como “pesquisadores estão investigando se adicionar mais alimentos picantes à sua dieta pode ajudar a combater a Covid-19” e “um estudo conduzido na University College London descobriu que aqueles que bebiam mais de três xícaras de café por dia eram menos propensos a sofrer de sintomas graves do coronavírus”.

Esse tipo de *Fake News*, que comumente circula nas redes sociais, pode ser o resultado de um erro ou então sem a intenção de enganar as pessoas descaradamente. Porém, as *Fake News* podem representar um grande perigo quando elas são propagadas por campanhas de desinformação, geralmente desenvolvidas para um ganho político por atores de governos, membros de partidos ou ativistas. Esse tipo de campanha espalha deliberadamente mentiras com o objetivo de desinformar, como um vídeo que pretende mostrar o governo chinês executando residentes em Wuhan com COVID-19 ou a "Plandemia", um filme que alega que a pandemia é uma tática para coagir a vacinação em massa. Assim como líderes que promovem o uso da hidroxicloroquina como um tratamento para coronavírus, apesar de vários estudos mostrarem que ela não funciona. Trump mesmo levantou a hipótese de que a ingestão de desinfetante (*bleach*) poderia curar a pessoa do vírus.

Pesquisadores da *Brigham and Women's* descobriram que as prescrições de hidroxicloroquina aumentaram nos EUA entre 16 de fevereiro e 25 de abril, depois que Trump a elogiou como um tratamento para Covid-19, causando escassez para pacientes que realmente precisavam dela (“Study Finds Surge in Hydroxychloroquine/Chloroquine Prescriptions During COVID-19”, 2020). Assim como algumas pessoas acabaram por ingerir desinfetante (*bleach*) para se protegerem do coronavírus (Smith-Schoenwalder, “CDC: Some People Did Take Bleach to Protect From Coronavirus”, 2020). Chega até a ser cômico ter que afirmar que o desinfetante, além de ser ineficaz contra o coronavírus, pode causar graves intoxicações levando até a óbito — da mesma forma que a hidroxicloroquina pode causar sérios problemas cardíacos e levar a óbito (Lovelace, “FDA issues warnings on chloroquine and hydroxychloroquine after deaths and poisonings reported”, 2020). Portanto, pode-se concluir que o problema não está necessariamente na *Fake News*, mas sim nas campanhas de desinformação.

3. Quais elementos e/ou condições contribuem para a disseminação da desinformação?

Apesar de muitos ainda não terem acesso à internet ou à informação digital, eu acredito que nunca estivemos tão inseridos na chamada “Sociedade da Informação” (ver Castells, 2000). Assim, nos acostumamos a sempre ter um tipo de resposta instantânea para as nossas perguntas, seja ela verdadeira ou *Fake News*. Esse tipo de comportamento, junto ao nosso atual estilo de vida acelerado, nos tornou muito impacientes em relação às soluções para os nossos anseios. A pandemia é uma questão sanitária que depende de uma resposta científica — e o tempo da ciência não é o mesmo tempo dos anseios populares. Por mais que cientistas trabalhem para desenvolver novas metodologias e tecnologias para uma ciência mais rápida e precisa, ela ainda toma tempo.

Com essa atitude impaciente das pessoas e a inexistência uma resposta ou solução definitiva, as pessoas acabam se tornando extremamente carentes de informação e de certezas. Quando há uma falta de informação orientada para o consenso social e tudo está sendo contestado em público, principalmente em redes sociais, isso gera um ambiente fértil para a confusão entre as pessoas. Então quando líderes falam que hidroxicloroquina e desinfetante podem ser um tratamento possível para o COVID19, e outras autoridades afirmam que isso não é possível, essa desavença acaba pressionando a população a questionar tudo — já que nem as autoridades podem convergir, as pessoas acabam não sabendo em quem confiar por definitivo e acabam acreditando em informações que as convêm.

As redes sociais são uma das principais facilitadoras para a disseminação de *Fake News*. Hoje, as plataformas são desenvolvidas para facilitar o consumo e compartilhamento de conteúdos, sejam eles verdadeiros ou falsos, sem que os usuários sejam motivados a sair dessas plataformas para fazer uma leitura completa dos textos dos artigos e matérias jornalísticas. Assim, os usuários tendem a ficar presos a manchetes que muitas vezes desinformam, são sensacionalistas, e/ou materializam o *clickbait*. Essas redes sociais, através dos seus algoritmos, criam as bolhas filtro em que as pessoas encontram apenas informações e opiniões que estão em conformidade e reforçam suas próprias crenças e vieses (Pariser, 2011; Sastre, de Oliveira, & Belda, 2018). As bolhas filtro geram assim o efeito câmara de eco no qual uma pessoa só encontra informações ou opiniões que refletem e reforçam as suas. As câmaras de eco podem criar desinformação e distorcer a perspectiva de uma pessoa, fazendo com que ela tenha dificuldade em considerar pontos de vista opostos e discutir tópicos complicados. Cathy O’Neil (2016) também enfatiza que a definição de sucesso para o Facebook, assim como para a maioria das redes sociais, se resume em manter as pessoas conectadas por muito tempo, clicando em anúncios. Assim a empresa ganha dinheiro. A autora lembra que o algoritmo do Facebook não foi desenhado para priorizar a verdade e os argumentos discordantes. Assim, devido ao seu modelo econômico, as redes sociais não se sentem motivadas a combater *Fake News*, já que o seu combate efetivo pode comprometer a sua renda.

Acredito que os meios de comunicação tradicionais também têm uma parcela nessa disseminação da desinformação. Muitas vezes, eles dão espaços para comentaristas e analistas que não têm qualquer conhecimento técnico para

falarem do assunto. Por exemplo, na TV brasileira tivemos muitas vezes comentaristas sem qualquer formação ou conhecimento em medicina ou saúde pública para informar o público em geral sobre a pandemia.

4. Quem se beneficia com a disseminação de desinformação no contexto da pandemia, por exemplo?

Como descrito anteriormente, líderes de governos promoveram campanhas de desinformação justamente para cumprirem suas agendas políticas. A pandemia não só criou uma crise sanitária como também uma crise econômica. As pessoas estão em casa em isolamento social, não fazem tantas aglomerações, consomem menos, e eventos com muitas pessoas também estão suspensos — isso tudo, infelizmente, impacta negativamente na economia e uma de suas consequências é o forte aumento do desemprego. Economia ruim e desemprego alto não são fatores bons para nenhum governo, e líderes que se alinham ao populismo e que dependem da aprovação popular tentam de todas as formas artificialmente sanar tais crises. Assim, promovem campanhas de desinformação, como a da vitamina D e hidroxicloroquina para propagar uma falsa impressão de segurança nas pessoas para que elas voltem ao “normal”, mesmo que isso custe a vida delas.

No Brasil, Bolsonaro publicou diversos vídeos nas redes sociais para indicar que estava tomando hidroxicloroquina. Carla Zambelli, deputada da extrema direita, também usou o Twitter para falar que “estava curada com o tratamento precoce e hidroxicloroquina” embora ela nunca tenha estado contaminada com Covid19 (“Carla Zambelli apaga post em que se dizia curada do coronavírus com cloroquina”, 2020). Ou seja, foram ações com o intuito de distorcer a verdade para ganhos políticos.

5. Os diferentes níveis da sociedade são impactados de forma diversa?

Sim, já que tanto a desinformação quanto o Covid19 impactam diferentes níveis da sociedade de forma diversa. Por exemplo, estudos mostram que pessoas acima de 65 anos são mais suscetíveis a acreditarem em notícias falsas, assim como são mais propensas a compartilhá-las (Guess, Nagler, & Tucker, 2019), o que também coincide com a idade que o Covid19 representa uma ameaça mais alta. Assim, infelizmente, os idosos acabam sendo expostos de forma desproporcional às consequências da sobreposição do coronavírus e desinformação.

6. Como as ações focadas em promover a desinformação ferem as premissas da sociedade da informação?

A Sociedade da Informação, definida por Manuel Castells (2000), teve seu início na segunda metade do século XX e promoveu espaços onde as diferentes sociedades desenvolvem suas atividades em um novo paradigma tecnológico, proporcionado pela tal “revolução” das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). A estrutura em rede de tal sociedade promove a democratização da comunicação, na qual quem antes só consumia informação dos meios tradicionais de comunicação, hoje se transformam em público ativo e também produzem suas informações. A grande questão é que essa possibilidade, que justamente viria como um fator democratizador, hoje permite que *Fake News* e campanhas de desinformação sejam criadas, chegando assim a ameaçar a própria democracia. Não que a possibilidade de se criar conteúdo deva ser banida — não é isso, até porque, como disse, as *Fake News* não são tão perigosas quanto as campanhas de desinformação, já que essas são potencializadas por algoritmos das redes sociais. Para isso, é preciso que tais algoritmos sejam regulados e suas plataformas sejam mais transparentes em relação aos seus funcionamentos.

Assim como reportado por Safyia Noble (2018) e Virginia Eubanks (2018), os algoritmos não são neutros e frequentemente são programados para potencializar vieses e preconceitos já embutidos na nossa sociedade e provenientes de setores dominantes. Portanto, é necessário que tais regulações assegurem que os algoritmos não violem direitos e nem acentuem assimetrias de poder e oportunidades. A regulação também merece ser vista como uma forma de proteger o próprio cidadão brasileiro, afinal, o Marco Civil da Internet é claro: todo(a) brasileiro(a) tem o direito ao acesso à internet, e consequentemente é dado a ele(a) o direito à informação, e não à desinformação (Lei n. 12.965, de 23 de abril de 2014).

REFERÊNCIAS

Brigham and Women's Hospital. (2020). *Study Finds Surge in Hydroxychloroquine/Chloroquine Prescriptions During COVID-19*. Press Release. Recuperado em 2020-05-28, de <https://www.brighamandwomens.org/about-bwh/newsroom/press-releases-detail?id=3594>

Castells, M. (2000). *The Rise of the Network Society. The Information Age: Economy, Society and Culture* (2a. ed., v. 1). Malden: Blackwell.

Eubanks, V. (2018). *Automating inequality: How high-tech tools profile, police, and punish the poor*. St. Martin's Press.

Greene, C., & Murphy, G. (2020). *Can fake news really change behaviour? Evidence from a study of COVID-19 misinformation*. PsyArXiv. Recuperado de <https://doi.org/10.31234/osf.io/qfnm3>

Guess, A., Nagler, J., & Tucker, J. (2019). Less than you think: Prevalence and predictors of fake news dissemination on Facebook. *Science advances*, 5(1), eaau4586.

Lei n. 12.965, de 23 de abril de 2014. (2014). *Estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil*. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l12965.htm

Lovelace, J., B. (2020). *FDA issues warnings on chloroquine and hydroxychloroquine after deaths and poisonings reported*. CNBC, Health and Science. Recuperado de <https://www.cnbc.com/2020/04/24/fda-issues-warnings-on-chloroquine-and-hydroxychloroquine-after-serious-poisoning-and-death-reported.html>

Noble, S. U. (2018). *Algorithms of Oppression: How search engines reinforce racism*. New York: NYU Press.

O'Neil, C. (2016). *Weapons of math destruction: How big data increases inequality and threatens democracy*. New York: Broadway Books.

Pariser, E. (2011). *The filter bubble: How the new personalized web is changing what we read and how we think*. Londres: Penguin.

Sastre, A., de Oliveira, C. S. P., & Belda, F. R. (2018). A influência do “filtro bolha” na difusão de Fake News nas mídias sociais: reflexões sobre as mudanças nos algoritmos do Facebook. *Revista GEMInIS*, 9(1), 4–17.

Smith-Schoenwalder, C. (2020). *CDC: Some People Did Take Bleach to Protect From Coronavirus*. U.S. News, Health News. Recuperado em 2020-06-05, de <https://www.usnews.com/news/health-news/articles/2020-06-05/cdc-some-people-did-take-bleach-to-protect-from-coronavirus>

Yahoo Notícias. (2020). *Carla Zambelli apaga post em que se dizia curada do coronavírus com cloroquina*. Recuperado em 2020-08-29, de <https://br.noticias.yahoo.com/carla-zambelli-apaga-post-dizia-curada-coronavirus-cloroquina-193747872.html>

Nemer, D. (2020). Desinformação no contexto da pandemia do Coronavírus (COVID-19). *AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento*, 9(2), 113 – 116. Recuperado de: <http://dx.doi.org/10.5380/atoz.v9i2.77227>